

CLIPPING

Veículo: Gazeta Digital **Data:** 28/ 11 /2008 **Pág.:** Online

Agropecuária e mudanças climáticas: riscos e oportunidades

A produção de alimentos em todo o mundo poderá sofrer um "impacto dramático" nas próximas décadas por conta das Mudanças Climáticas. É o que prevê o mais recente relatório divulgado em 2007, pelo IPCC (Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas), órgão que congrega cientistas de mais de uma centena de países. Segundo os estudos, todos os países serão afetados e os grandes produtores agrícolas, como o Brasil, sentirão os efeitos já na próxima década.

Na mesma linha, estudo realizado e divulgado recentemente pela Embrapa e Unicamp (Aquecimento Global e a Nova Geografia da Produção Agrícola no Brasil) afirma que se nada for feito para reduzir os efeitos das Mudanças Climáticas, o aumento das temperaturas em decorrência do aquecimento global pode provocar perdas nas safras de grãos de cerca de R\$ 7,4 bilhões, já em 2020. Diz ainda que áreas que atualmente são grandes produtoras de grãos podem não estar mais aptas ao plantio bem antes do final do século.

Também afirma que a soja é cultura que deve mais sofrer com a elevação de temperaturas; que, no pior cenário, o principal produto de exportação de Mato Grosso e do Brasil pode apresentar perdas de R\$ 3,9 a 4,3 bilhões em 2020. Outro risco considerável é inviabilização da safrinha, um ponto forte da agricultura mato-grossense, que pode ficar impedida com a redução do período favorável ao plantio.

Esses estudos utilizam cenários projetados pelo IPCC e CPTEC/INPE, que têm como base a situação climática de 1990, o que faz com que estejam um tanto ultrapassados, pois desde então a concentração de gás carbônico só fez aumentar, de modo que os danos não vão ocorrer num futuro distante, já podem ser realidade hoje. Os números e as conclusões do estudo mostram claramente que o problema das Mudanças Climáticas é bem mais imediato que muitas pessoas pensam.

Causado pela emissão excessiva de gases poluentes na atmosfera, sobretudo o gás carbônico oriundo da queima de combustíveis fósseis, tem como grandes vilões os países ricos, principalmente os Estados Unidos, responsável sozinho por 25% de todas as emissões no planeta. A agropecuária e a mudança de uso do solo para produção (desmatamento) são responsáveis por aproximadamente um quarto das emissões.

Só que no Brasil, o quarto país maior emissor, a situação é invertida, o desflorestamento e a agropecuária são responsáveis por 75% das emissões, principalmente pelo desmatamento e queimadas na Amazônia. Mato Grosso, portanto, está no centro dessas questões: tanto como um dos "vilões", responsável historicamente por cerca de metade do desmatamento da Amazônia; quanto por ser um dos maiores produtores agrícolas brasileiros e,

conseqüentemente, uma "vítima" potencial desse grave e complexo problema, que pode comprometer de forma dramática a produção agrícola, a economia e as condições de vida no Estado.

Mas se é parte importante do problema, também pode e deve ser parte importante das soluções - até porque esses cenários só ocorrerão se nada for feito para a redução das emissões e dos seus impactos. Nesse sentido é que diversos setores da sociedade de Mato Grosso, agropecuaristas, agricultores familiares, indígenas, lideranças locais, representantes do governo e diversas organizações da sociedade estiveram reunidos entre os dias 9 e 11 de setembro, com técnicos e cientistas da Embrapa e Inpe no seminário "As Mudanças no clima e a Agricultura de Mato Grosso: impactos e oportunidades". Realizado pelo Instituto Socioambiental (ISA), o Instituto Centro de Vida (ICV), e a Secretaria Estadual de Meio Ambiente de Mato Grosso (Sema/MT), o seminário discutiu a contribuição do Estado para as modificações no clima e seus impactos na agricultura. O objetivo do evento era gerar uma agenda comum de trabalho para avaliar os efeitos das mudanças no clima, propor medidas de mitigação e considerar oportunidades de negócios.

Os participantes reivindicaram programas de informação, educação e capacitação para melhor identificar alterações climáticas em curso, conhecer as previsões científicas em elaboração e se apropriar de novas Tecnologias. Concluíram que é de fundamental importância incentivar a Pesquisa científica visando conhecer melhor e reduzir os impactos em curso ou previstos. Ao mesmo tempo, afirmam que é prioritário que sejam tomadas medidas efetivas e continuadas para a redução e fim do desmatamento e das emissões de gases de Efeito Estufa. Que é necessário priorizar o desenvolvimento de Tecnologias acessíveis que favoreçam a melhoria das condições socioambientais da produção agropecuária e a sua adaptação às Mudanças Climáticas.

Ao final, organizações presentes e o governo, através da Sema, assinaram um termo de compromisso que prevê a instalação de um fórum estadual e a elaboração de políticas e programa de Mudanças Climáticas para Mato Grosso, a ser encaminhado para a Assembléia estadual.

Essas recomendações e iniciativas estão em sintonia com os estudos da Embrapa e Unicamp que concluem dizendo que "cabe ao setor trazer soluções para minimizar o problema, sendo a principal delas, adotar práticas que impeçam o avanço do desmatamento para novas áreas de plantio. Que os milhões de hectares de pastos degradados hoje existentes podem abrigar a expansão da agricultura sem que seja preciso derrubar mais árvores". O que, aliás, vem sendo dito também por lideranças do governo e do setor do agronegócio do estado. Para tanto, é preciso, além das melhorias efetivas na gestão ambiental e florestal no Estado, a intensificação de técnicas já existentes como a integração lavoura-pecuária, o uso de sistemas agroflorestais e agrossilvopastoris, adotar cada vez mais o uso do plantio direto e reduzir o uso de fertilizantes à base de nitrogênio.

O desafio agora é colocar em prática, o mais breve possível, essas recomendações, pois, como disse um líder indígena presente no seminário relatando que seu povo já vivencia os prejuízos das alterações climáticas com o sumiço de algumas espécies de peixes: "Essa conversa já está atrasada". Sérgio Henrique Guimarães é engenheiro, especialista em políticas ambientais e coordenador executivo do Instituto Centro de Vida - ICV. Já foi secretário de Meio Ambiente de Mato Grosso